

CB
21/7/98 6
308

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 21 de julho de 1998

Trinta e uma famílias fincam pé e dizem que só saem da cabeceira do Córrego Palmas para uma terra definitiva

DAQUI NÃO SAIO

Ana Helena Paixão
Da equipe do Correio

Sem água, sem luz, sem comida, sem terra. É essa a situação de 31 famílias que estão acampadas na cabeceira do Córrego Palmas, próximo a Brazlândia. Elas esperam que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e o Governo do Distrito Federal (GDF) cheguem a um consenso e liberem uma área definitiva para a criação de um assentamento rural. As famílias se recusam a sair do lugar onde estão acampadas há cinco dias. O Ibama deve notificar hoje o GDF a se manifestar a respeito da mudança.

“Só queremos um local definitivo, onde teremos um futuro: terra e área para plantar nosso alimento”, reivindica Nazaré Francisca, 55 anos, cinco filhos. O pedido é o mesmo em todo o acampamento. Enquanto esperam a decisão do governo, as famílias convivem com o frio, a fome e o medo de que algo lhes aconteça — estão numa área contínua ao Parque Nacional onde há constante perigo de incêndio e que é considerada região de “desova” de cadáveres.

O acampamento do Córrego Palmas está sob a coordenação do Movimento dos Sem-Terra (MST) e esta é a segunda vez que os trabalhadores mudam de lugar. Até a semana passada eles estavam nas proximidades das fazendas Rodeador e Dois Irmãos, também próxi-

Paulo de Araújo



Nazaré Francisca está acampada perto do Córrego Palmas com os cinco filhos, passa fome e frio e diz que quer ir para um lugar que lhe dê futuro e área para plantar, um pedido de todo o acampamento

mas a Brazlândia. Na madrugada de quinta-feira, o Sistema Integrado de Vigilância do Solo (Siv-solo) começou a transferência das famílias para o segundo acampamento.

“Queimaram nossas lonas, quebraram as poucas coisas que tínhamos e quase atropelaram uma criança quando um trator passou por cima de uma barraca sem olhar se tinha alguém dentro”, denuncia Teresa Gaspar, D.Terezinha, uma das sem-terra. Segundo os trabalhadores, a mudança acabou na sexta-

feira. “Teve gente que chegou aqui sem nada”, completa Terezinha. Ao todo, foram transferidas 71 famílias.

ÁREA DE PRESERVAÇÃO

Na sexta-feira, fiscais do Ibama informaram aos acampados que eles não podiam permanecer no local. Segundo os fiscais, as famílias podem poluir o Parque Nacional, uma área de preservação ambiental. “Além disso, aqui não há a mínima condição de sobrevivência humana. Há animais peçonhentos e risco de incêndio, além

de ser uma área bastante perigosa”, afirma Roberval Costa Pontes, chefe da Fiscalização do Ibama.

Incra e Ibama iniciaram uma ação conjunta, no mesmo dia, e transferiram 40 famílias de trabalhadores para Flores do Goiás, local escolhido para o acampamento definitivo. Ontem, as outras 31 famílias também seriam transferidas, mas os trabalhadores remanescentes se recusam. “Muitas pessoas estão doentes e têm crianças. No Rodeador, estamos perto de escolas e hospitais.

Aqui não temos nada, nem teremos em Flores. Só vamos sair para um local definitivo”, assegura dona Anita, coordenadora do acampamento.

Ailson Silveira Machado, superintendente adjunto do Incra DF e Entorno, esclarece que não houve problema algum com os sem-terras transferidos para Flores de Goiás. Segundo ele, os trabalhadores permanecem num acampamento provisório, mas a demarcação do assentamento definitivo começa na próxima semana.

No entanto, Ailson admite que a situação no Córrego Palmas é delicada. Segundo ele, o GDF garantiu aos trabalhadores a transferência para uma área dentro do Distrito Federal. “Apesar da promessa, o Incra não dispõe de nenhuma área dentro do DF para assentar essas pessoas. Os superintendentes do Incra, do Ibama e o secretário da Agricultura do Distrito Federal já marcaram um encontro para resolver o problema. Até lá, os sem-terra permanecem onde estão”, finalizou.